

## 5

### Regras de engajamento

O objetivo deste trabalho é investigar a imagem do jornalista que é projetada pela imprensa, partindo da ideia de que, quando o jornalista aparece como assunto de uma notícia, a imprensa está, de certa forma, falando dela mesma. Como será explicitado neste capítulo, este é um trabalho de base quantitativa, que vai utilizar, como categorias de análise, os Processos e os Participantes dos diversos Processos. Para uma interpretação mais detalhada, os dados foram categorizados ainda conforme o tipo de complexo nominal (núcleo do grupo nominal ou modificador), o período de publicação (Copa ou Guerra) e as atividades relacionadas aos jornalistas (Profissionais ou Personagem), conforme será visto a seguir.

#### 5.1

##### O corpus

Para este trabalho, foi compilado um corpus, que, por suas características – é composto apenas de notícias de jornal impresso, publicadas num período de tempo, sobre determinado assunto – pode ser considerado um corpus especializado, que, segundo a definição de Hunston (2002, pg. 14), é:

Um corpus de textos de um tipo específico, como editoriais de jornal, livros de geografia, artigos acadêmicos sobre um determinado tema, palestras, conversas informais, composições de alunos etc. Tem o propósito de ser representativo desse tipo de texto. É usado para investigar um tipo específico de linguagem. Pesquisadores costumam coletar seus próprios corpora especializados para refletir o tipo de linguagem que querem investigar. Não há limite do grau de especialização envolvida, mas são estabelecidos parâmetros para limitar os tipos de texto incluídos. Por exemplo, um corpus pode ser restrito a um período de tempo, sendo constituído de textos de um determinado século; a um contexto social, como conversas em uma livraria; ou a um determinado tópico, como matérias de jornal sobre a União Europeia (Hunston 2002, p. 14).

Segundo Flowerdew (2004, p. 14-15), o estudo de um corpus especializado pode ser mais adequado ao propósito de compreender tipos específicos de linguagem acadêmica e profissional, em oposição a corpora abrangentes, que têm como propósito fazer uma representação da língua como um todo. Para tentar essa representação, um corpus chega aos milhões de palavras. No caso do presente estudo, interessa-nos ver a maneira como os jornalistas falam de si mesmos – e não, por exemplo, como a palavra jornalista é usada na língua portuguesa. O corpus utilizado neste trabalho, por sua vez, é constituído de cerca de 390 mil palavras. O tamanho reduzido do corpus se justifica justamente pelo interesse específico desta pesquisa. Como diz Flowerdew:

Como apontaram muitos pesquisadores, não existe tamanho ideal para um corpus. O tamanho depende das necessidades e dos propósitos da investigação, além de, com frequência, fatores pragmáticos como a facilidade ou não de obtenção dos dados (Flowerdew 2004, p. 18).

Para compor o corpus, foram recolhidos textos de jornais impressos publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo, em dois momentos diferentes: durante um período de 30 dias, de 20 de março de 2003, o dia seguinte ao início da invasão do Iraque pelas tropas da coalizão liderada pelos EUA, a 20 de abril, quando a guerra foi considerada encerrada; e durante um período de 50 dias, de 22 de maio de 2006, quando a Seleção Brasileira chegou à Suíça para dar início à preparação para a Copa do Mundo da Alemanha, até 10 de julho, o dia seguinte à decisão final da competição, quando foram publicados os resultados finais nos cadernos de esportes.

A opção pelos três jornais utilizados como fonte, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e *O Globo*, foi orientada por dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), que, com base nos resultados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), relaciona estes três jornais entre os quatro maiores do país (em posições alternadas), de 2001 a 2006. O quarto jornal citado nesse período, mas não usado neste trabalho, é o *Extra*, também do Rio de Janeiro, de perfil assumidamente mais popular, e pertencente à mesma empresa que *O Globo*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Durante a coleta do corpus, foi verificado que *Extra*, *O Globo* e *O Diário de São Paulo*, todos da mesma empresa, publicavam textos produzidos por uma equipe comum, ligada aos três jornais, o que sugere conteúdos iguais – ou pelo menos semelhantes o suficiente para tornar tendenciosos os resultados da análise.

Os textos não foram recolhidos de forma aleatória; foram lidos e, depois disso, selecionados segundo o critério de mencionarem, de forma não casual, os jornalistas ou a atividade jornalística. De acordo com esse critério, levou-se em conta o fato de que costuma ser mencionada, em notícias de jornal, a origem daquela notícia ou o contexto em que uma declaração foi dada; e muitas vezes essa explicação toma a forma de “segundo o jornal Tal” ou “Fulano afirmou em entrevista aos repórteres”, sem informações adicionais. Esse tipo de menção foi considerado “casual”, não relevante para esta pesquisa, por acreditarmos que essas referências não acrescentam dados à descrição da profissão de jornalista. Textos em que a menção ocorria apenas nesse contexto foram portanto descartados.

Que textos foram, então, selecionados para o corpus? Textos em que o jornalista aparece como foco da notícia – ou seja, a notícia contada é sobre o jornalista; textos em que o jornalista aparece em uma referência que começa casual, mas acrescenta informações adicionais – como, por exemplo, dizer que a declaração foi dada “a um grupo de jornalistas indignados”; ou textos em que objetos ou comportamentos que constituem a notícia são associados a jornalistas – como menções a “equipamentos de jornalistas foram confiscados” ou “as declarações dos jornalistas causaram irritação”.

### **5.1.1 Coleta**

Os textos foram compilados a partir da internet, com o cuidado de utilizar apenas textos da versão impressa de cada jornal, ou seja, textos iguais aos que apareceram na versão publicada. Textos do *Estado de S. Paulo* do período da Guerra, foram obtidos a partir de consulta a microfilmes na Biblioteca Nacional. Do período da Copa, foram incorporados ao corpus 134 textos de *O Globo*, 226 da *Folha de S. Paulo* e 256 do *Estado de S. Paulo*. Do período da Guerra, foram incorporados 154 textos de *O Globo*, 183 da *Folha de S. Paulo* e 97 do *Estado de S. Paulo*.

	<b>Textos do Período 1: Guerra (2003)</b>		<b>Textos do Período 2: Copa do Mundo (2006)</b>	
	<b>Nº de textos</b>	<b>Nº de palavras</b>	<b>Nº de textos</b>	<b>Nº de palavras</b>
<i>O Globo</i>	154	47.702	134	64.797
<i>Folha de S. Paulo</i>	183	69.602	226	87.709
<i>Estado de S. Paulo</i>	97	22.590	256	98.370
<b>Total</b>	<b>434</b>	<b>139.894</b>	<b>616</b>	<b>250.799</b>

**Figura 6 – Configuração do Corpus**

A quantidade de textos e de palavras parece bem maior no período da Copa, mas se levarmos em conta a diferença de duração dos períodos – um com 30 dias, o outro com 50 – vemos que os valores são bastante aproximados: se normatizado<sup>2</sup> para 30 dias, o período da Copa teria 150.479 palavras, contra 139.894 da Guerra. Já a quantidade de textos, submetida ao mesmo cálculo, resultaria em 434 da Guerra para 369 na Copa.

## **5.2 Procedimentos de análise**

Como o objetivo deste trabalho era, especificamente, lidar com a imagem do jornalista, foi feita uma listagem prévia de termos possíveis de serem utilizados para se referir a este profissional, e a frequência de ocorrência desses termos no corpus como um todo foi então verificada, com o uso do Concordancer MonoConcPRO (Barlow, 1998). Os termos selecionados para buscas foram os vocábulos “jornalista(s)”, “repórter(es)” e “correspondente(s)”, além de termos mais genéricos de referência a essa atividade profissional, como “reportagem(ns)”, “jornalismo”, “imprensa” e “mídia”. Como foi verificado que a maioria das ocorrências cabia à palavra “jornalista(s)”, nela concentrou-se a análise.

Usando o Concordancer, foi possível verificar uma clara divisão entre dois tipos de estruturas gramaticais em que ocorrem essas palavras:

<sup>2</sup> Normatizar as frequências consiste em fazer uma equivalência das frequências básicas para um determinado número de palavras (Biber 1998, p. 75-76).

Tipo 1 – jornalista(s) como núcleo do grupo nominal que exerce a função de participante ou circunstância – por exemplo, “*Jornalista da Fox divulgou localização das tropas*” (Guerra, Globo, 3/4/03); “A notícia estourou depois do treino da manhã e surpreendeu *os jornalistas*” (Copa, Estado, 8/6/06); “Os *jornalistas italianos* eram parte da festa” (Copa, Estado, 10/7/06); e

Tipo 2 – jornalista(s) como parte de um sintagma preposicionado que funciona como qualificador do núcleo do grupo nominal que exerce a função de participante ou circunstância (cf. Halliday & Matthiessen 2004, p. 323) – por exemplo, “A *presença* de jornalistas no hotel da delegação em Wolfsburg desagradou a Kranjcar, embora nenhum incidente tivesse ocorrido” (Copa, Globo, 2/6/06).

As situações em que a palavra jornalista(s) surge associada ao nome do profissional de quem se fala, como “*a jornalista brasileira Pamela Valente*”, ou “*Moez Bem Abdelkerim Boulahia, jornalista deslocado de Doha à Weggis*”, foram consideradas casos do tipo 1 e portanto incluídas neste grupo para efeito de análise.

A partir dos resultados obtidos com o uso do *Concordancer*, as ocorrências das palavras pesquisadas foram agrupadas, inicialmente, nos dois contextos de ocorrência – Guerra e Copa. Os resultados foram classificados, em um primeiro momento, em duas categorias. Na primeira, percebemos que o jornalista aparece como Profissional, exercendo a atividade jornalística – fazendo entrevistas, cobrindo jogos, etc. – como em “*Não foram poucas as ligações feitas por jornalistas de madrugada para **checar** informações.* (Copa, Estado, 25/6/06)”. Na segunda, ele aparece como um Personagem – morrendo, sentindo medo, torcendo, como em “*No jogo seguinte, contra Sérvia e Montenegro, os *jornalistas estrangeiros* **estavam** extasiados* (Copa, Estado, 19/6/06)”.

Explicamos. Nos momentos em que aparece como Profissional, a informação a ser dada sobre ele está diretamente ligada à atividade jornalística. Quando aparece como um Personagem, queremos dizer que a notícia é dada sobre um indivíduo, que coincidentemente exerce o jornalismo. É uma distinção muitas vezes sutil, mas que acrescenta dados relevantes a este trabalho.

Cada grupo foi então classificado com relação à Transitividade (cf. Capítulo 3), de acordo com os processos associados a essas palavras, que se enquadravam como Materiais, Mentais, Verbais, Relacionais, Comportamentais ou Existenciais, como será visto a seguir. Não podemos esquecer, é claro, que a descrição dos processos proposta por Halliday e Matthiessen (2004) tem como base a língua inglesa, e portanto foi necessário refletir e adaptar essa descrição ao português.

Uma das dificuldades desta etapa é a existência, mencionada no item 3.1.4, do “princípio da indeterminação sistêmica” (Halliday e Matthiessen 2004, p. 173): a própria constituição do sistema determina que elementos existam em áreas fronteiriças, dificultando a sua classificação. Um exemplo pode ser “*Jornalistas gregos também **protestaram** ontem pela morte de colegas no Iraque.*” (Copa, Folha, 11/4/03) em que **protestaram** tanto pode ser material – foram às ruas para protestar – quanto verbal – falaram em protesto. Nesses casos, os contextos situacional e linguístico tiveram um papel importante na determinação de que classificação adotar – aqui, tratava-se de uma manifestação nas ruas, portanto um processo material.

Também um uso mais metafórico de alguns termos contribui para a complexidade da tarefa. Por exemplo, olhando para “Logo que a guerra começou, as TVs admitiram o que já se suspeitava: que seus *jornalistas* que **acompanhavam** as forças americanas não estão completamente livres para dizer o que gostariam” (Guerra, Estado, 13/4/03) e “O projétil faz saltar pelos ares a varanda de onde os *jornalistas* **acompanhavam** a feroz batalha do outro lado do rio.” (Guerra, Estado, 9/4/03) percebemos que *acompanhavam* não tem o mesmo sentido nas duas orações; na primeira, *acompanhar* é uma ação, equivalente a viajar com, enquanto, na segunda, *acompanhar* é sinônimo de observar, assistir. O primeiro é claramente um processo material, mas o segundo poderia ser considerado tanto um processo material usado metaforicamente quanto um processo mental – como foi feito aqui.

Outro problema encontrado foram os diferentes níveis de análise gramatical. Não se tratava de fazer a análise dos grupos oracionais por inteiro, mas apenas dos processos e participantes associados à palavra “jornalista(s)”. Por exemplo, no exemplo acima, a classificação foi feita sobre “os jornalistas acompanhavam a feroz batalha do outro lado do rio”, e não sobre a oração principal “O projétil fez saltar pelos ares a varanda”.

## 5.2.1 Categorias de análise

Foram utilizados como categorias de análise os seis tipos de processos descritos por Halliday e Matthiessen (2004) no sistema da Transitividade, conforme foi explicado brevemente no Capítulo 3. Processos materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais, e seus respectivos participantes, estão definidos com mais detalhe a seguir.

### 5.2.1.1 Processos materiais

Os processos materiais são processos de “fazer e acontecer”, que “introduzem mudança no fluxo de eventos existentes” (Halliday e Matthiessen 2004, p. 179). Ou seja: são os processos que causam alteração no estado de coisas percebido.

O principal participante deste tipo de processo é o **Ator** – aquele que causa, gera, conduz a mudança. O segundo participante é a **Meta** – aquele afetado pela mudança. Por exemplo, em “Acidente mata jornalista britânico no Iraque”, temos:

Acidente	mata	jornalista britânico	no Iraque
Ator	Processo: Material	Meta	Circunstância

Figura 7 – Exemplo de análise de oração de processo material<sup>4</sup>

Além destes participantes, os processos materiais podem envolver:

**Recebedor** – aquele a quem algo é dado;

Ex: O técnico pagou cerveja **para jornalistas croatas**.

**Cliente** – aquele para quem algo é feito;

A tenda foi montada **para os jornalistas** pela Federação Portuguesa.

**Escopo** – para Thompson (2004, pg. 107), não é exatamente um participante, mas um “elemento circunstancial disfarçado de participante” – constitui a) o domínio em que se dá o processo ou b) o processo em si;

Ex: Felipão deu **uma entrevista** aos jornalistas.

<sup>4</sup> Os exemplos nesta seção foram adaptados do corpus, quando possível.

### 5.2.1.2 Processos mentais

Os processos mentais são representações de experiências cognitivas: o fluxo de eventos alterado pela mudança trazida pelo processo se dá na nossa consciência. Ou seja, são processos ligados aos sentidos: pensar, imaginar, gostar, detestar, desejar, sentir, preocupar-se, acreditar, ouvir, ver, lembrar...

Os participantes envolvidos neste tipo de processo são o **Experienciador** – aquele que experimenta o processo, geralmente um ser consciente ou algo a que se atribui propriedades de consciência – e o **Fenômeno** – aquilo que é experimentado.

Os jornalistas italianos	acreditam	que o plano existe.
Experienciador	Processo: mental	Fenômeno

**Figura 8 – Exemplo de análise de oração de processo mental**

Existem quatro subcategorias de Processos Mentais: emoção (processos de sentimento); cognição (processos de decisão, conhecimento, compreensão); percepção (ver, ouvir, etc.), e desejo (quer, desejar, etc.) (cf. Thompson 2004, pg 94).

### 5.2.1.3 Processos relacionais

São processos que caracterizam e identificam. Halliday descreve duas “formas de ser” – atributiva e identificadora – e três tipos de relação: intensiva, possessiva e circunstancial (Halliday & Matthiessen 2004, p. 215). Essas categorias atuam como sistemas simultâneos, de forma que existem seis categorias de processo relacional. Em termos de participantes<sup>5</sup>, processos atributivos contam com o **Portador** e o **Atributo**, e processos identificadores, com **Identificado** e **Identificador**.

<sup>5</sup> Thompson (2004, pg. 96) explica que, numa leitura estrita, nesta categoria não há “processos”, já que nada “acontece”; e haveria apenas um “participante”, já que um atributo não é exatamente um participante, e em uma identificação, está-se falando da mesma coisa de duas formas diferentes. Mas, frisa ele, nenhum termo gramatical daria conta de descrever todos os fenômenos a que deveria ser aplicado, por isso continua-se a usar processos e participantes.

<b>Atributivo Intensivo</b>		
Paul Moran, o jornalista morto,	era	cinigrafista free-lance do canal de televisão Australian Broadcasting Corp.
Portador	Processo	Atributo
<b>Atributivo Possessivo</b>		
(A Fifa estima que) o país	tenha	500 jornalistas na Alemanha.
Portador	Processo	Atributo
<b>Atributivo Circunstancial</b>		
O jornalista português	estava	na varanda do hotel Palestine.
Portador	Processo	Atributo
<b>Identificador Intensivo</b>		
A guerra do Iraque	foi, certamente,	a mais trágica para os jornalistas.
Identificado	Processo	Identificador
<b>Identificador Possessivo</b>		
O time	mereceu	a classificação.
Identificado	Processo	Identificador
<b>Identificador Circunstancial</b>		
O estabelecimento	é	o mesmo em que muitos jornalistas brasileiros estão hospedados.
Identificado	Processo	Identificador

**Figura 9 – Tipos de processos relacionais**

#### 5.2.1.4 Processos comportamentais

Intermediários no contínuo dos processos (cf. figura 1) aos processos mentais e materiais, são processos ligados ao comportamento humano fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar, encarar (cf. Halliday e Matthiessen 2004, p. 248). Tipicamente envolvem apenas um participante: o **Comportante**, que, como o Experienciador, é geralmente um ser consciente. O padrão normal desse processo conta com Comportante e Processo, apenas, como em “Maria espirrou”. Uma variação comum traz o comportamento arranjado

como se fosse um participante, como em “Maria deu um espirro.” Tendo função análoga a Escopo dos processos materiais, este participante recebe o nome de **Comportamento**.

Os próprios jornalistas portugueses	riem.
Comportante	Processo: Comportamental

Figura 10 – Exemplo de análise de oração de processo comportamental

### 5.2.1.5

#### Processos verbais

Processos de “dizer”, intermediários no contínuo dos processos (cf. figura 1) entre processos mentais e relacionais. Extremamente úteis em vários tipos de discurso, as orações das quais fazem parte tornam possível, por exemplo, organizar uma narrativa em trechos de diálogo; nos textos acadêmicos, são usadas para citar outros autores, e nos textos noticiosos, permitem ao repórter atribuir informação a fontes. Os participantes dos processos verbais são identificados como:

- Dizente – aquele que diz.

Ex: **Zé Roberto** avisou que não daria entrevista ao passar pelos jornalistas.

- Receptor – aquele a quem se diz.

Ex: **A jornalistas lusos**, Madail disse que o acerto não está ratificado.

- Alvo – aquele de quem se diz.

Ex: O Pentágono vem chamando de "unilaterais" **jornalistas excluídos do programa de acompanhamento das tropas que tentam fazer reportagens independentes no Iraque.**

- Verbiagem – aquilo que é dito, representado como uma categoria e não uma citação direta.

Ex: Hiddink, 59, disse a jornalistas holandeses **o que considera fundamental para a Austrália voltar a surpreender amanhã.**

Se uma oração for projetada, ela não é analisada como participante de um processo verbal, e portanto não é considerada Verbiagem (cf. Thompson 2004, p. 102). Uma oração projetada pode ser uma citação – sinalizada como uma tentativa de reproduzir as palavras do enunciado original – ou um relato – quando o que se reproduz é o significado do enunciado original (id., p. 210).

Zé Roberto	avisou	que não daria entrevista ao passar pelos jornalistas.
Dizente	Processo	
Relatante		Relatado

“Jornalista não anda com etiqueta”,	disse	o assessor Rodrigo Paiva.
	Processo	Dizente
Citado		Citante

**Figura 11 – Exemplos de análise de oração de processo verbal – citação x relato**

#### 5.2.1.6 Processos existenciais

Localizados entre os processos relacionais e os materiais, os processos existenciais expressam, como o nome indica, a mera existência de uma entidade, sem predicar nada a respeito dela. Contam com apenas um participante: o **Existente**.

Há	dois jornalistas desaparecidos.
Processo	Existente

**Figura 12 – Exemplo de análise de oração de processo existencial**

#### 5.2.1.7 Circunstâncias

Participantes são *intrínsecos* aos processos, já que todos os tipos de oração experiencial têm pelo menos um participante<sup>6</sup>. Já os elementos circunstanciais são quase sempre acréscimos opcionais à oração; apenas algumas orações os apresentam (Halliday e Matthiessen 2004, pg. 175-176). O papel dos elementos circunstanciais é menos central, e eles não estão diretamente envolvidos no

<sup>6</sup> A exceção são alguns processos meteorológicos que podem não apresentar nenhum participante, como *chove, neva*. (cf. Halliday e Matthiessen 2004, pg. 175).

processo. Se o processo é tipicamente realizado por um grupo verbal, e os participantes, por grupos nominais, as circunstâncias são tipicamente realizadas por grupos adverbiais ou sintagmas preposicionados (id, pg 261).

Circunstâncias podem ocorrer em todos os tipos de processo, significando basicamente a mesma coisa. Entre os tipos de circunstância, podemos citar de localização – temporal e espacial; de modo; de assunto; de papel; de causa, etc. (id, pg 262-263).

Jornalista	morre <sup>7</sup>	em viagem a Bagdá
Participante: Ator	Processo: Material	Circunstância: localização espacial

Mas	o próprio jornalista	admitiu	ontem	ter errado.
	Participante: Dizente	Processo: ...	Circunstância: localização temporal	... Verbal

Para os jornalistas,	Deco,	sempre bastante simpático,	não gostou	de saber que dirigentes do Barcelona estariam em Londres tentando negociar uma troca entre ele e o inglês Frank Lampard, do Chelsea.
Circunstância: Ângulo - fonte	Participante: Experienciador	Circunstância: modo	Processo: Mental	Participante: Fenômeno

**Figura 13 – Exemplo de análise de oração com circunstância**

Com base nas categorias acima, no Capítulo 6, será feita a análise dos dados.

<sup>7</sup> Diversos linguistas consideram que “morrer” só é um processo material quando transitivo, como em “Morrer uma morte lenta”; “morrer” intransitivo seria um processo comportamental. Mas Halliday e Matthiessen (2004, pg. 184-185) dizem que a natureza do resultado que afeta o Ator de uma oração “intransitiva” e a Meta de uma oração “transitiva” servem como critério geral para reconhecer subtipos mais detalhados de orações “materiais”: a oração “criativa” e a oração “transformativa”. Na oração transformativa, explicam os autores, o resultado é a *mudança* de algum aspecto de um Ator (intransitivo) ou Meta (transitivo). O Ator de uma oração transformativa intransitiva pode ser investigado através da pergunta “O que aconteceu a...?” (id., pg. 186): O aconteceu com o prédio? Ele desabou. Aplicando essa pergunta ao exemplo na figura 13, temos: O que aconteceu ao jornalista? Ele morreu. Ainda em Halliday e Matthiessen (id, pg. 187-188), uma tabela com exemplos de processos materiais inclui verbos intransitivos como aparecer, surgir, emergir; crescer, amadurecer, envelhecer; explodir, quebrar, desabar. Todos estes parecem muito mais próximos de morrer do que os exemplos dados de processos comportamentais (id, pg. 251): rir, chorar, dançar, cantar, olhar, falar, respirar, espirrar, etc. Por tudo isso, neste trabalho, foi mantida a classificação de “morrer” como processo material.